Dia 15 — São Faustino e São Jovita, Irmãos, Mártires

São Faustino e São Jovita, irmãos, nasceram de uma ilustre família em Bréscia, cidade da Lombardia. É provável que seus pais fossem cristãos; o certo é que os dois santos irmãos desde a juventude eram muito venerados dos fiéis, assim por sua vida exemplar como pelo zelo que mostravam pela religião. Poucos irmãos se têm visto mais unidos em ditames e em inclinações; seus corações olhavam a um mesmo objeto, porque seus entendimentos se governavam por uns mesmos princípios. O Espírito de Deus que os animava tirava-lhes o gosto a tudo, menos a exercitar-se perpetuamente em santas obras; esta era toda a sua diversão e todo o seu consolo. Ocupavam-se em visitar os fiéis que estavam ocultos por medo da perseguição; alentavam uns, consolavam outros e faziam bem a todos.

Chegou à notícia de Apolônio, bispo de Bréscia, que estava escondido num deserto vizinho durante aquela terrível tempestade, o valor e zelo com que os dois santos irmãos se empregavam nas referidas obras de caridade. Quis vê-los; e, tendo achado neles ainda mais virtude e mais mérito do que publicava a fama, creu que não podia fazer a sua igreja maior serviço que elevá-los ao ministério dos altares, conferindo-lhes as ordens sagradas. Dispuseram-se para recebê-las com aquele fervor que merecem as graças e os dons que acompanham o sacerdócio, em cujo digno espírito se imbuíram. Faustino, que era o maior, foi ordenado presbítero, e Jovita, diácono. Saíram de seu retiro os dois novos ministros de Jesus Cristo, como os apóstolos saíram do cenáculo, cheios do Espírito Santo e animados daquele fervoroso zelo que em pouco tempo fez maravilhosas conquistas, convertendo grande número de gentios.

A maior autoridade que lhes dava o novo caráter aumentou também seu fervor. Pregavam com tanto maior alento quanto era maior sua reputação, adiantando-se esta a ganhar-lhes as vontades e a render-lhes os entendimentos, de maneira que mal havia quem pudesse resistir a seu zelo.

Ao eco das maravilhas que obravam os dois novos apóstolos, concorriam os povos vizinhos, acudindo em tropas a ouvir estes oráculos. Os gentios detestavam a superstição e faziam em pedaços os ídolos. Viu-se mudado o semblante da cidade, sendo cristãos quase todos os seus habitantes.

À vista de tantas conversões não podia deixar de irritar-se o inimigo comum. Armaram-se todas as fúrias do inferno para deter o rápido curso de tão gloriosas conquistas; nem era possível que um zelo tão ardente e tão eficaz deixasse de acender o fogo da perseguição.

Com efeito, o conde Itálico, grande inimigo do nome cristão, sabendo que havia chegado à Ligúria o imperador Adriano, foi lançar-se a seus pés. Representou-lhe que olhasse por sua segurança e

pela de todo o império, pois uma e outra periclitavam, ameaçando-as de inevitável ruína a malignidade de dois homens os mais perversos do mundo, visto que eram os mais ferozes inimigos dos deuses imortais. Sobressaltado em extremo o imperador ao ouvir uma proposição tão estranha, perguntou-lhe quem eram os tais homens e por que meios ou com que artifícios pretendiam conseguir um intento tão vasto como depravado.

São dois cidadãos de Bréscia — respondeu o conde —: um se chama Faustino e o outro Jovita, habilíssimos ambos para enganar o povo; tão poderosos em palavras e em artifícios que mal abrem a boca todos os que os ouvem deixam o culto dos deuses, lançam ao chão os ídolos, pisam-nos, fazem-nos em pedaços, adoram não sei que judeu chamado Jesus Cristo, que dizem que morreu numa cruz. Já transtornaram a cabeça a muita gente honrada; os templos estão desertos, e a religião de nossos pais vai infalivelmente ser exterminada se vós, senhor, não aplicais pronto e eficaz remédio. Saí em defesa dos deuses a quem deveis a vida e o império: dai incessantemente vossas ordens para que sejam exterminados os cristãos.

Movido o imperador com este discurso, creu que não podia remediar mais eficazmente o sonhado mal que ameaçava que encomendando o remédio, e dando todos os poderes, ao mesmo que conhecia todas as suas consequências. Isto era o que pretendia o enfurecido conde. Assim foi que desempenhou a comissão com a maior crueldade.

Partiu a Bréscia sem deter-se; apoderou-se dos dois santos irmãos Faustino e Jovita; mandou-lhes que no mesmo instante oferecessem incenso aos deuses ou que se dispusessem para padecer os mais cruéis tormentos. A valorosa e firme resposta dos dois generosos irmãos tirou-lhe desde logo toda a esperança de vencê-los; mas, como estava para vir muito logo o imperador à mesma cidade de Bréscia, teve por conveniente esperar a que chegasse para consultar com ele que suplícios e que morte se havia de dar a uns homens daquela qualidade e daquela reputação.

Informado o imperador do estado da causa, ordenou que fossem em sua companhia ao templo do Sol para assistir ao sacrifício. Logo que os santos entraram no templo, a estátua, que era de ouro brunido e muito resplandecente, pôs-se mais negra que um carvão. Surpreendido o imperador, mandou que a lavassem; mas, quando iam os sacerdotes limpá-la, caiu aos pés dos santos feita pó. Atribuiu o milagre a feitiçaria e, temendo a cólera dos deuses, mandou que os dois irmãos fossem lançados às feras. Apenas entraram no circo, soltaram quatro leões para que os despedaçassem; mas todos quatro se prostraram mansamente aos pés de nossos santos, afagando-os brandamente com as caudas. Aos leões seguiram-se ursos e leopardos; mas, embora os gentios procurassem irritá-los com tochas acesas, não foram menos atentos que os leões. A funesta sorte do conde Itálico e de alguns outros cortesãos que, descendo a irritar as feras, foram devorados por elas acreditou com prova visível e dolorosa o poder do Deus que adoravam os dois santos. O mais admirável que houve neste sucesso foi que, atemorizados os gentios e fugindo todos atropeladamente a suas casas, deixaram aberta a porta do circo com a confusão; mas os santos mandaram às feras que se fossem direitas aos bosques sem fazer dano a pessoa alguma, o que elas executaram no mesmo instante.

Atemorizado também o próprio imperador e temendo alguma sedição, saiu da cidade; mas, encaprichado sempre no ditame de que as maravilhas que obravam nossos santos eram efeitos da

arte mágica, creu necedamente que podia ser meio para tornar inútil sua arte o ir conduzindo-os por várias cidades da Itália. Com esta extravagante ideia, mandou que fossem levados a Milão em companhia de um de seus oficiais, chamado Calócero, o qual se havia convertido à fé à vista de tantos prodígios. Não é fácil expressar quantos e quão vários gêneros de tormentos tiveram que padecer, nem quantas e quão gloriosas vitórias conseguiram. Encheram-lhes a boca de chumbo derretido, romperam-lhes os ossos, queimaram-lhes os flancos com lâminas ardentes. Neste suplício exclamou Calócero: Rogai a Deus por mim, santos mártires, e pedi-lhe que me dê fortaleza para sofrer o rigor do fogo que me atormenta. Tendo feito oração os dois irmãos, não sentiu Calócero mais dor e poucos dias depois conseguiu a coroa do martírio.

Passou o imperador de Milão a Roma e a Nápoles e ordenou que os dois santos irmãos o seguissem em todas estas jornadas, sem advertir que era soberana disposição do céu, para que por este meio fizessem novas conquistas nas três mais famosas cidades da Itália. Em todas as partes padeceram cruéis tormentos por Jesus Cristo, e em todas sua invicta paciência e as maravilhas que continuamente obravam convertiam à fé inumeráveis gentios. Por fim, voltando a conduzi-los a Bréscia carregados de palmas e de louros, depois de tão repetidos triunfos, consumaram seu glorioso martírio, tendo-lhes sido cortada a cabeça fora da cidade, no caminho que vai a Cremona, por volta do ano de Jesus Cristo de 122. Desde então os venera a cidade de Bréscia por padroeiros seus, conservando suas preciosas relíquias numa urna de mármore, sustentada por seis colunas da mesma matéria, na própria igreja que é titular de seu nome.

Martirológio Romano

Em Bréscia, a festa dos santos Faustino e Jovita, mártires, os quais sustentaram vitoriosamente muitos combates pela fé de Jesus Cristo no tempo do imperador Adriano e alcançaram a gloriosa coroa do martírio.

Em Roma, São Crato, mártir, o qual, tendo sido batizado com sua mulher e toda a sua família pelo bem-aventurado bispo São Valentim, foi pouco tempo depois martirizado com todos eles.

Em Terni, Santa Ágape, virgem e mártir.

No mesmo dia, a festa dos santos mártires Saturnino, Cástulo, Magno e Lúcio.

Em Vaison, na Provença, São Quinídio, bispo, cujos frequentes milagres manifestam que sua morte foi preciosa aos olhos de Deus.

Em Cápua, São Decoroso, bispo e confessor.

No Abruzo Ulterior, São Severo, presbítero, de quem escreve São Gregório que ressuscitou um morto com suas lágrimas.

Em Antioquia, São José, diácono.

Em Clermont da Auvérnia, Santa Geórgia, virgem.

Missa (oração)

A missa é em honra dos dois santos, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos annua sanctorum martyrum tuorum Faustini et Jovitæ solemnitate lætificas: concede propitius, ut quorum gaudemus meritis, accendamur exemplis: Per Dominum nostrum Jesum Christum Filium tuum...*

Português: Ó Deus, que a cada ano nos dais novo motivo de alegria com a festividade de vossos bem-aventurados mártires Faustino e Jovita, concedei-nos que, assim como nos enchem de gozo seus merecimentos, assim também nos inflame o desejo de imitar seus exemplos: Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 10 de São Paulo aos Hebreus e é a mesma do dia 13.

Hebreus 10,32-38

> **Latim:** 32 Rememoramini autem pristinos dies, in quibus illuminati, magnum certamen sustinuistis passionum : 33 et in altero quidem opprobriis et tribulationibus spectaculum facti : in altero autem socii taliter conversantium effecti. 34 Nam et vinctis compassi estis, et rapinam bonorum vestrorum cum gaudio suscepistis, cognoscentes vos habere meliorem et manentem substantiam. 35 Nolite itaque amittere confidentiam vestram, quæ magnam habet remunerationem. 36 Patientia enim vobis necessaria est : ut voluntatem Dei facientes, reportetis promissionem. 37 Adhuc enim modicum aliquantulum, qui venturus est, veniet, et non tardabit. 38 Justus autem meus ex fide vivit : quod si subtraxerit se, non placebit animæ meæ.

Português: 32 Trazei pois á memoria os dias primeiros, em que depois de haverdes sido illuminados, soffrestes grande combate de trabalhos: 33 pois por huma parte com opprobrios, e tribulações fostes na verdade feitos hum espectaculo: e por outra fostes feitos companheiros dos que se achavão no mesmo estado. 34 Porque não só vos compadecestes dos encarcerados, mas

levastes com contentamento, que vos roubassem as vossas fazendas, conhecendo que tendes patrimonio mais excelente, e durável. [35] Não queiraís pois perder a vossa confiança, que tem hum crescido galardão. [36] Porque vos he necessaria a paciencia: para que fazendo a vontade de Deos, alcanceis a promessa. [37] Porque ainda dentro d'hum poucochinho de tempo, o que ha de vir, virá, e não tardará. [38] Mas o meu justo vive da fé: porém se elle se apartar, não agradará á minha alma.

Nota

«Achando-se ainda em Roma o apóstolo São Paulo no ano do Senhor de 63, escreveu esta epístola aos hebreus; isto é, aos judeus convertidos à fé, que estavam em Jerusalém e na Palestina, para confirmá-los na mesma fé e para animá-los a padecer por Jesus Cristo, cuja suprema dignidade exalta sobre a de todos os profetas e sobre a de todos os anjos, mostrando que é tão superior a Moisés quanto o é o filho a respeito do servo. Faz-lhes conhecer que é o verdadeiro pontífice escolhido de Deus, a verdadeira e a única vítima que apagou os pecados do mundo; mostra-lhes que sem a fé não há salvação e os exorta a ter sempre uma firme invariável confiança em Jesus Cristo, entre os grandes trabalhos a que estavam continuamente expostos pelo ódio dos de sua mesma nação.»

Reflexões

Rememoramini pristinos dies, in quibus illuminati, magnum certamen sustinuistis passionum. Poucas pessoas há em cuja série de vida não se possam encontrar algumas felizes temporadas com que confundir sua presente tibieza ou covardia e a quem não se possa dizer: lembrai-vos daqueles primeiros anos de vossa inocência, daqueles ditosos dias tão serenos, tão cheios de doce calma; trazei à memória aqueles primeiros tempos em que os claros resplendores da graça vos faziam ver as verdades eternas a tão bela luz; aquele tempo em que, a favor daquela penetração que causa sempre na alma a pureza da consciência, descobríeis tão visivelmente o falso brilho, os mentidos logros com que o mundo deslumbra sempre seus sequazes; aquele tempo em que com tanto gosto vosso experimentáveis quão doce é o jugo do Senhor e quão leve sua carga; aquele tempo, enfim, em que, persuadidos da vaidade, da caducidade, da falsidade de tudo quanto o mundo estima, e em que, tocando com a mão seus artificiosos laços, suas aparências tão floridas como risonhas, renunciastes tão generosamente as lisonjeiras vantagens com que vos convidava; ou ao menos vos declarastes pelo partido da virtude, entabulando desde então uma vida tão regular e tão cristã. Este traço, esta lembrança da história de nossa vida passada poderá acaso servir-nos de algum consolo, cotejada com a presente? Dar-nos-á porventura motivo de algum sensível prazer? Ah! Que pelo contrário talvez poderemos dizer com muita razão com o profeta: *Quomodo obscuratum est aurum* [^1]? Aonde se foram aqueles formosos ditames, aquelas sólidas máximas que respiravam desengano, que só alentavam virtude? Aonde se foi aquele primitivo fervor, aquela delicadeza de consciência, aquela circunspecção, aquela cristã modéstia? *Obscuratum est aurum*: perdeu sua estimação o ouro, porque perdeu seu resplendor. *Mutatus est*

color optimus. A enfermidade faz mudar de cor; muda-se de libré sempre que se muda de amo. Que diferença de costumes! Que máximas tão distintas! Que linguagem tão diversa! Com tudo isso a religião é a mesma, ela não mudou. Que confusão, que vergonha nos deve causar esta relaxação! Ainda se conserva em ti, diz Deus no Apocalipse [^2], ainda se conserva em ti alguma centelha de religião, não se apagou de todo a fé; mas tenho contra ti que perdeste tua primeira caridade. Traze, pois, à memória o estado de onde caíste, faze penitência e volta a tuas primeiras obras; porque, se não, olha que venho a ti e derribarei esse candelabro de seu lugar. *Nolite itaque amittere confidentiam vestram*, acrescenta o Apóstolo em nossa epístola, *quæ magnam habet remunerationem*: não percas essa confiança, esse alento com que ao presente te achas; olha que será seguido de uma grande recompensa. Causa admiração que haja quem desmaie, quem se desalente à vista de um amo tão poderoso como benéfico. Ainda que se desencadeasse contra nós todo o poder das trevas, que poderia contra a força de sua graça, que não nos falta jamais? A confiança em Deus é um forte invencível contra todos os nossos inimigos. A vista do prêmio que nos espera conduz a vencer nossa pusilanimidade, e a brevidade do tempo que nos resta deveria servir para alentar nosso fervor e para esforçar nosso alento.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 24 de São Mateus.

Mateus 24,3-13

> **Latim:** 3 Sedente autem eo super montem Oliveti, accesserunt ad eum discipuli secreto, dicentes : Dic nobis, quando hæc erunt ? et quod signum adventus tui, et consummationis sæculi ? 4 Et respondens Jesus, dixit eis : Videte ne quis vos seducat : 5 multi enim venient in nomine meo, dicentes : Ego sum Christus : et multos seducent. 6 Audituri enim estis prælia, et opiniones præliorum. Videte ne turbemini : oportet enim hæc fieri, sed nondum est finis : 7 consurget enim gens in gentem, et regnum in regnum, et erunt pestilentiæ, et fames, et terræmotus per loca : 8 hæc autem omnia initia sunt dolorum. 9 Tunc tradent vos in tribulationem, et occident vos : et eritis odio omnibus gentibus propter nomen meum. 10 Et tunc scandalizabuntur multi, et invicem tradent, et odio habebunt invicem. 11 Et multi pseudoprophetæ surgent, et seducent multos. 12 Et quoniam abundavit iniquitas, refrigescet caritas multorum : 13 qui autem perseveraverit usque in finem, hic salvus erit.

Português: 3 E estando elle assentado no monte das Oliveiras, se chegárao á elle seus discípulos á puridade, perguntando-lhe: Dize-nos, quando succe derão estas cousas? e que sinal haverá da tua vinda, e da consummação do século? 4 E respondendo Jesus, lhes disse: Vede não vos engane algum: 5 porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Christo : e enganarão a muitos. 6

Haveis pois de ouvir guerras, e rumores de guerras. Olhai não vos turbeis : porque importa que assim aconteça, mas não he este ainda o fim. [7] Porque se levantarão nação contra nação, e reino contra reino, e haverá pestilencias, e fomes, e terremotos em diversos lugares. [8] E todas estas cousas são princípios das dores. [9] Então vos entregaráo á tribulação, e vos matarão: e sereis aborrecidos de todas as gentes por causa do meu nome. [10] E muitos então serão escandalizados, e se entregaráo de parte a parte, e se aborrecerão huns aos outros. [11] E levantar-se-hão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos. [12] E por quanto multiplicar-se-ha a iniquidade, se resfriará a caridade de muitos: [13] mas o que perseverar até o fim, esse será salvo.

Meditação

Primeiro ponto

Considera com quanta razão nos recomenda tanto o Salvador que nos guardemos bem de que nos enganem: *Videte ne quis vos seducat.* Com verdade se pode dizer que, em matéria de salvação, é muito ordinário cair em ilusão. É muito engenhoso nosso amor-próprio para alucinar-nos; e que diligências fazemos para que não nos engane?

Até nos servimos de certos exercícios de piedade, de certos atos de religião, que praticamos muito superficialmente, para aturdir-nos, para tranquilizar-nos sobre muitos pontos que pedem uma absoluta reforma. Pecou-se: todos se imaginam ter feito penitência; e onde estão seus frutos? Toda penitência infrutuosa é nula. Em vão se lisonjeia o homem de uma penitência exterior se não está convertido o coração.

Por frutos de penitência não se entende precisamente a maceração do corpo, mas principalmente a mortificação das paixões e a reforma dos costumes; estes são propriamente os frutos que espera Deus de nossa penitência.

A frequência dos sacramentos, a oração, as boas obras são sem dúvida grandes meios para chegar à perfeição; mas, se com tantos e tão poderosos meios nos conservamos sempre imperfeitos, sempre orgulhosos, sempre impacientes, sempre invejosos, sempre imortificados, sempre coléricos, poderemos contar muito com o uso que fazemos destes meios?

As mortificações corporais são exercício da penitência; mas o fruto desta penitência exterior deve ser a vitória sobre as paixões, a reforma das más inclinações da alma. De que serve um exterior humilde, reformado, se o coração está cheio de fel e se o orgulho é a paixão dominante?

Mas não basta levar frutos de penitência de qualquer maneira; são tão ordinárias as adversidades desta vida, são tão comuns as cruzes, que se podem levar muitos frutos destes e com tudo isso ser árvores estéreis; é preciso que sejam frutos dignos: *Facite fructus dignos pænitentiæ*: isto é, frutos que possam apresentar-se ao Senhor, que sejam gratos a seus olhos, que sejam de seu gosto. Têm estas qualidades, são desta espécie os frutos que tenho levado até aqui?

Esses jejuns tão mal observados, essas mortificações tão ligeiras e de tão curta duração, essa mera aparência, essa pura exterioridade de arrependido e de penitente, são outra coisa que uns frutos fora de estação que nunca chegam a amadurecer?

Meu Deus, e quão de temer é que, em chegando o tempo da colheita em que pedis uma conta tão exata, em que o pai de família examina tão escrupulosamente o produto de suas rendas, quão de temer é que em muitíssimas coisas nos achemos alcançados!

Segundo ponto

Considera que a penitência sem fruto é penitência sem mérito. Quantos são os que padecem muito sem que Deus tenha que agradecer-lhes seus trabalhos? Há inumeráveis aflitos e há raríssimos penitentes.

A vida religiosa é um exercício contínuo de penitência. E não será grande desdita que se tenha tido uma vida austera e penitente sem fruto e sem proveito? Mas que proveito, que fruto tirará de sua vida o religioso tíbio e relaxado, o religioso que viveu na religião embriagado inteiramente com o espírito do mundo? Que sem-razão não querer gostar os frutos da cruz que se leva às costas! Não se padeceria mais por isso, antes se padeceria muito menos, visto que estes frutos, por amargos que pareçam, são em realidade muito doces, de um gosto muito requintado. Se não se toma o gosto a esta doçura, é porque se busca sua satisfação em outra coisa que na cruz.

Ninguém há que não tenha muito que padecer neste mundo. Em todos os estados se acham cruzes. Não estão mais isentos delas os que vivem com maiores conveniências. São umas plantas que em todas as partes nascem; por que deixaremos perder seus preciosos frutos? Soframos ao menos com paciência, já que não temos generosidade nem virtude para sofrer com alegria. Unamos nossos trabalhos com os de Jesus Cristo; aceitemo-los como penas devidas a nossas culpas: esta conformidade não os há de fazer maiores, e dessa maneira serão meritórios e serão parte de nossa penitência.

Necessitaríamos de muito trabalho para achar os desgraçados frutos de nossas paixões, de nossas más inclinações, de nosso fundo de iniquidade? E nos seria tão fácil achar os dignos frutos de nossa penitência? Enquanto isso, o dia vai baixando, o tempo da conta se aproxima, quase estamos já tocando com a mão a sepultura. Quem nos dá confiança?

Que frutos deu nossa penitência? Frutos secos e amargos; porque nem os sazonou nem os fez suculentos a rega da graça. Frutos perdidos, porque os avinagrou o mau humor e o desabrimento com que acompanhamos a mesma penitência. Frutos inúteis, porque a reincidência nos vícios, a preguiça e a falta de perseverança os impediram de amadurecer: e esta é toda a provisão que levamos; e esta toda a carga com que saímos deste mundo para empreender a longa viagem da eternidade e para comparecer ante o tribunal de Deus.

Senhor, por vossa infinita misericórdia ainda estou em condições de fazer menos infrutuosa minha penitência; confesso que, por áspera, por rigorosa, por prolongada que fosse, nunca

corresponderia a minhas maldades; mas com o auxílio de vossa divina graça espero fazer de hoje em diante frutos grandes de penitência, e tais que, por vossa infinita piedade, vos digneis aceitá-los.

Jaculatórias

> *Laboravi in gemitu meo, lavabo per singulas noctes lectum meum: lacrymis meis stratum meum rigabo.* Sl 6.

Bem sabeis, Senhor, quantas lágrimas me têm custado já minhas culpas; mas nem por isso deixarei de chorá-las amargamente todo o tempo que me durar a vida; dedicarei ao pranto até o tempo destinado ao repouso e regarei com ele o leito do descanso.

> *Domine, ante te omne desiderium meum: et gemitus meus a te non est absconditus.* Sl 37.

Patente vos está, meu Deus, o único por que suspirava meu aflito coração; e testemunha sois de meus ocultos gemidos, de minhas concentradas lágrimas.

Propósitos

1. Assombro é que os que estão mais indispensavelmente obrigados a fazer maior penitência sejam de ordinário os que fazem menos. Que quiméricos impossíveis, que dificuldades insuperáveis não se figuram ou se alegam quando se trata de admitir uma ligeira penitência por gravíssimos pecados! Há poucas mulheres mundanas, poucos libertinos que tenham forças para jejuar; quase tão poucos são os que não pretendam ter justíssimos motivos para ser dispensados até da abstinência. Se se fala de fazer algumas esmolas, então saem as dívidas, a muita família, os excessivos gastos da casa. Se se propõe ao menos visitar algumas igrejas, logo se alegam as ocupações, oferecem-se visitas indispensáveis; de sorte que hoje os maiores pecadores parece que se julgam quase absolutamente dispensados de fazer penitência. E, sendo isto assim, como se podem lisonjear de ser penitentes? Examina se não tens estado até agora neste erro; guarda-te bem, especialmente no sagrado tribunal da confissão, de dar ouvidos a tua frouxidão, a teu amor-próprio, a tua delicadeza. Considera-te aos pés do confessor como aos pés de Jesus Cristo: ele é teu médico, não te toca a ti receitar os remédios; ele é teu juiz, não te toca a ti dar a sentença em tua causa. Que sinal de dor são essas excessivas dificuldades, essas vãs escusas? Aceita com humildade e com submissão as penitências que te forem impostas. Que proporção há, bom Deus,

entre a pena e a culpa! Mas, se te julgas obrigado a representar alguma coisa, faze-o com tanta submissão, com tanta indiferença que até nisso mesmo se deixe conhecer que pode mais em ti a religião que a razão e até a necessidade.

2. Não te hás de persuadir de que a penitência que te impõe o confessor te escusa de fazer outra penitência. Aquela só é como penhor desta; porque toda a vida do cristão, especialmente do pecador, deve abundar em frutos de penitência. Se nem todos podem macerar-se com longas abstinências ou com outras rigorosas penitências exteriores, ao menos todos podem mortificar-se. Há muitas espécies de frutos de penitência. Quase não há coisa que não te ofereça ocasião de mortificar tuas inclinações naturais. O humor, o gênio, as mesmas paixões, até o mesmo amor-próprio podem contribuir para esta ditosa fertilidade. Não há tempo, não há lugar que não possa dar exercício à paciência. Tens grande vontade de ver ou de falar em certas ocasiões? Que coisa tão bela baixar então os olhos e calar! Um dito agudo, uma zombaria discreta poderia acreditar-te muito numa conversação; mas também pode ser matéria de um belo sacrifício. Os verdadeiros frutos da penitência são a conversão do coração e a reformação dos costumes: de modo que deves fazer que se conheçam estes frutos em tua modéstia, em tua circunspecção, em toda a tua conduta.

Onde não há reforma, não há frutos de penitência, não há conversão.

[^1]: (Nota ausente no texto reconhecido pelo OCR.) [^2]: (Nota ausente no texto reconhecido pelo OCR.)

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:58 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:58 by Admin